



# CARTILHA DO PESC AÇÕES EDUCATIVAS

ORGANIZADORAS

SANDRA LILIAN SILVEIRA GROHE E VITÓRIA  
REGINA CASAGRANDE VIEL

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
SÃO LEOPOLDO/RS  
2023



SMED  
Secretaria Municipal  
de Educação



Copyright © Editora CirKula LTDA, 2023.  
1º edição - 2023

Revisão, Normatização e Edição: Mauro Meirelles  
Diagramação e Projeto Gráfico: Mauro Meirelles  
Capa: Luciana Hoppe  
Tiragem: 500 exemplares para distribuição on-line

ISBN: 978-85-7150-049-5

Todos os direitos reservados à Editora CirKula LTDA. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Todos os direitos reservados à Editora CirKula LTDA.  
Editora CirKula  
Av. Osvaldo Aranha, 522 - Bomfim  
Porto Alegre - RS - CEP: 90035-190  
e-mail: [editora@circula.com.br](mailto:editora@circula.com.br)  
Loja Virtual: [www.livrariacirkula.com.br](http://www.livrariacirkula.com.br)

**ESTE LIVRO FOI SUBMETIDO À REVISÃO POR PARES,  
CONFORME EXIGEM AS REGRAS DO QUALIS LIVROS DA CAPES.**



EMEI JESUS MENINO

**Paula Cristiana Emcke**  
paulaemcke@yahoo.com.br

**Dulcimarta Lemos Lino**  
dulcimartalino@gmail.com

### Arandú Arakua<sup>1</sup>

Desde o início do ano de 2021, o “*Projeto Barulhar*” habita a rede municipal de São Leopoldo em parceria com a UFRGS, atendendo crianças e docentes em formação continuada em educação musical. Na secretaria de educação o “Projeto Barulhar” também está ligado ao Projeto de Educação Sustentável na cidade PESC, realizando ações de sensibilização e conscientização da comunidade sobre as questões mundiais que tematizam o meio ambiente, dentro de uma de suas especificidades entrecruzadas: a educação musical. No ano de 2023 o “Projeto Barulhar” está lotado

---

<sup>1</sup> Arandú Arakua: sabedoria do cosmos, saber dos ciclos do céu.

## PIÁs na Redondeza!



na EMEI Jesus menino, onde 312 crianças têm aulas de música semanalmente, concertos mensais, e oficinas semestrais.

Ao pretender potencializar o protagonismo infantil e docente à composição e interpelação de percursos narrativos com música brasileira na escola, a partir de suas origens: indígena, africana e ibérica, o “Projeto Barulhar” relata algumas das ações organizadas a partir das culturas ancestrais fundantes. Com o objetivo de fortalecer e ampliar os repertórios infantis, uma vez que as crianças estão constantemente percebendo, expressando e organizando as sonoridades do mundo, nas aulas do “*Projeto Barulhar*” o corpo é instrumento musical imprescindível à descoberta e invenção de mundos em comunidade. Partimos do corpo para conhecer nosso território, essa ‘*Terra das Palmeiras*’, nomeada pelos povos originários.

Através de experiências que potencializam o conhecimento de nossas ancestralidades e (re) estabelecem relações de sensibilidade, pertencimento e de sustentabilidade com a natureza fomos nos apropriando dos modos de ser dos *Kaingang*, *Xokleng* e *Mbya-Guarani*, etnias que vivem no sul. O pessoal do COMIN nos levou até a comunidade *Por Fi Ga* onde o Francis-

co nos disse: “nossa cultura é aberta, não tem portão” (SCHWINGEL e PINGER, 2014, p. 45). Nosso relato conta a experiência dos Piás na Redondeza. **PIA** em guarani significa pedaço do meu coração que anda, que tem liberdade para fazer escolhas. E, **Redondeza** quer indicar o círculo, como o saber dos ciclos do céu, essa forma arredondada que nos protege, que se movimenta, que se faz roda onde todos os elementos se encontram e de onde todos podem ser vistos igualmente. Os Piás da escola foram convidados a “ver nosso lugar, onde tem um rio que corre mansinho, mansinho” (MUNDURUKU, 2020, p. 7). Visitar a praça na redondeza com árvores, flores, bichos e passarinhos de montão. Viram até um João de Barro, sua casa lá no alto, é difícil compreender tanta “Ave Tekohá” (BOURSCHEID, 2021). Narramos aqui nossa trilha encantada, conhecendo as histórias e práticas culturais que tivemos a oportunidade de nos aproximar e de seu *Nhe'é*, essa alma-palavra, espírito em formato de som. “Toda palavra possui um espírito. Vida é o espírito em movimento. Espírito é silêncio e som” (BOURSCHEID, 2021, p. 16).

### Trilhar encontros

A partir da narrativa indígena que conta como surgiu o primeiro casal de João-de-Bar-

ro, as crianças brincaram com a terra e a água, investigaram as sementes, e cascas de árvores, brincaram com o corpo envolto em tecidos. Depois foram visitar a Praça dos Correios (como é chamada), que fica bem pertinho de nós, aqui na redondeza da escola.

Neste espaço público realizamos três propostas. A primeira, um jogo de equilíbrio corporal sobre raízes salientes, nas quais as crianças caminhavam sobre elas. Apesar da simplicidade da brincadeira percebemos que os corpos se desafiavam na busca de um movimento seguro sobre o suporte natural.

*Fotografia 1 - Introspecção e ouvidos atentos.*



*Foto: Acervo das autoras (2023).*

*Fotografia 2 - Jogo de equilíbrio nas raízes da árvore.*



*Foto: Acervo das autoras (2023).*

Em seguida, tocamos o caule da paineira (*Chorisia speciosa*), repleto de espinhos. Inicialmente as protuberâncias causaram receios nas crianças, mas logo depois entenderam que o toque poderia ser realizado com a proximidade e delicadeza. Entre os espinhos descobriram fissuras causadas pelo crescimento da “casca”, formigas e uma pequena teia de aranha, fungos, líquens e a presença de frutos. Além disso, havia um ninho de joão-de-barro (*Furnarius rufus*), que inquietou as crianças a respeito desta construção entre os espinhos.

Por fim, sentamo-nos à sombra da velha tipuana (*Tipuana tipu*) para escutar os sons daquele ambiente, percebendo os sons

da natureza, o vento, as folhas, os galhos, as sementes. As crianças permaneceram introspectivas, mas atentas ao que poderiam ouvir. Entre sons de motores, buzinas e pessoas que circulavam conversando, foi possível identificar o canto de um bem-te-vi, o bater das asas de pombos e o seu arrulhar. O som do vento nas folhas das árvores e o latido do cão que habitava a praça. Sociável, o cão se rendeu aos afagos das crianças.

*Fotografia 3 - Crianças e o “Amiguinho” (cão da praça)*



*Foto: Acervo das autoras (2023).*

No entanto, durante a visita nesse ambiente urbano, as crianças perceberam que a natureza não tem destaque devido a influência dos aspectos não naturais. Ambientes ao ar livre

são para Carruthers (2020, p. 56) multissensoriais principalmente o ambiente natural. A autora frisa que as crianças precisam ter acesso frequente a tais ambientes e sugere que a falta de experiências infantis ao ar livre resulta no desconhecimento da importância de manter ambientes naturais e assim preservar a vida.

Ao retornarmos à escola as crianças se debruçaram sobre o cartaz das Aves do Parque Imperatriz (parque da cidade de São Leopoldo). Observamos suas cores, tamanhos das patas e asas, formato dos bicos. Lemos os nomes dos pássaros e entre tantas aves, reconhecemos o João-de-Barro. Ouvimos seu canto na WikiAves e identificamos o som de outros pássaros aqui na escola. Por muito tempo o quadro de pássaros foi motivo de curiosidade e brincadeiras de escolhas entre as crianças. A professora Dulci inventou uma *'fórmula de escolha'* com o nome de alguns desses pássaros. Vivemos a *Palavra brinquedo*:

Quero-Quero, Maria Faceira, Alma de Gato, Sabiá,  
João Barro, Tico-Tico, Quem te vestiu?  
Biguá!!

Enquanto isso, conhecemos “João-de-Barro” (PiÁ), uma música que conta como o João de Barro faz a sua *ku'ya* (casa). Tocamos *Mbaraká*, maracá o instrumento ritual

que transmite música e compõe com os sons da natureza. Com essas sonoridades e melodia alçamos voos dançantes e imaginários. Percutimos distintas sementes colhidas em nosso território. Aprendemos também a canção que tem a dança da “Catira do Passarinho” (Celso Pan), ora batendo palmas, ora pés. Importante destacar que, o “*Projeto Barulhar*” tem se enriquecido com a presença de músicos do PIÁ – Programa de Extensão da UFRGS que se apresentam para as crianças em concertos e oficinas denominadas: “Mukanda Piá”. Do banto Mukanda, reforça o sentido de viver em comunidade, do bem viver juntos. Assim, toda a escola recebeu o espetáculo “Jaebé - tocar a liberdade” (PiÁ), musical inspirado na narrativa indígena do João de Barro, uma lenda gaúcha recontada por Walmir Ayala (1974). No show, a narrativa ganha vida com a interpretação dos artistas que cantam músicas tradicionais Mbya-Guarani como Kyringué (Tendo esperança no anjo das crianças/Para alcançar a Terra sem males); “O mama do oo” (Vamos brincar no centro da aldeia) do povo Munduruku (Pará); Passarinhos (Emicida); Sansa Kroma (canção tradicional de Gana) entoada na língua Aka, fala da ave que protege as crianças; entre outras canções. As crianças cantavam e vibravam com a energia do show do começo ao fim.

Fotografia 4 - “Jaebé - tocar a liberdade”(PIÁ)



Foto: Acervo das autoras (2023).

Todas essas vivências convergiram na aproximação das crianças aos saberes ancestrais indígenas compartilhados na escola com outras crianças e com suas famílias. Tempo de viver e experimentar de corpo inteiro um jeito de ser ancestral bem pertinho da natureza que vive conosco. Tivemos como metodologia de trabalho as “conversações em criação” (LINO, 2021), isto é, as conversas para estar juntos e inventar mundos em convivência. Colocar o corpo em roda para dançar, na redondeza encontrar a parceria, potencializar urgências, enfrentar tensões, promover rupturas. Na caminhada trilhada fomos encontrando nossa ancestralidade, a memória se fez voz a entoar o cuidado com os divórcios entre seres humanos

e natureza, bichos e natureza, razão e emoção, corpo e mente. Em rede tecemos nossa narrativa, tocando o bem viver, escutando a paisagem sonora e principalmente tramando com terra, fogo, água e ar nossa artesanaria: “tribos-pássaros. Povos arco íris. Sementes deste chão” (BOURSCHEID, 2021, p. 15)

### Enlaçando Redes

Entendemos que propostas, intencionalmente organizadas as crianças, nas quais culturas ancestrais e natureza se enlacen são capazes de proporcionar experiências que aproximem saberes ancestrais e conhecimentos constituídos para que possamos (re)conhecer o direito a superação de feitura corporais colonizadoras, patriarcais e capitalistas que ainda tomam a música e a natureza como estratégia política, epistemológica e ética homogeneizante à infância. Aprender a escutar com os povos originários a natureza, brincar com ela, jogar, escutar seus mitos, conhecer seus instrumentos musicais, evocar alguns dos seus sotaques, conhecer suas plantas e curas pode contribuir para promover enfrentamentos nesse campo de disputas intensas que é a infância, a natureza e a música. *Com Posição* inauguramos na EMEI Jesus Menino o primeiro laço em rede para visibilizar o trabalho docente e os aspec-

tos políticos e sociais de uma educação que toma consciência da urgência em promover ações que se coloquem em contraponto aos impactos que o capitalismo impõe à natureza ininterruptamente com os *Piás na Redondeza* trilhando encontros de *Arandú Arakua*.

## Referências

AYALA, W. **Moça lua e outras lendas**. Porto Alegre: Bels, 1974.

BOURSCHEID, C. **Ave Tekohá**. Porto Alegre: Edições Ardotempo, 2021.

CARROUTHERS, E. **As experiências das crianças ao ar livre: um sentimento de aventura?**. Porto Alegre: ArtMed, 2010.

LINO, D. Música(s) na(s) escola(s): conversações em criação. **Projeto de Pesquisa**. FACED/UFRGS, 2021.

PIÁ. **Jaebé tocar a liberdade**. Espetáculo musical disponível no canal Youtube do Grupo de Pesquisa Escuta Poética. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=uDF\\_X2r-61Rs&t=1249s](https://www.youtube.com/watch?v=uDF_X2r-61Rs&t=1249s)>Acesso em set. 2023

MUNDURUKU, D. **Redondeza**. São Paulo: Criadeira Livros, 2020.

SANTOS, Z. C. W. N. **Criança e a Experiência Afetiva com a Natureza**. Curitiba: Appris Editora, 2018.